

**Poesia e alteridade em Narlan Matos<sup>1</sup>***Poetry and alterity in Narlan Matos*Jocimar BERTELLI<sup>2</sup>**Resumo**

O presente trabalho objetiva refletir como as categorias Lírica e Alteridade se apresentam em poemas de Narlan Matos, um poeta brasileiro contemporâneo aclamado pela crítica literária internacional, mas ainda em processo de ascensão no cenário nacional. Para esta proposição, foram selecionados poemas de Matos, nas obras *Senhoras e senhores: o amanhecer!* (1997); *No acampamento das sombras* (2001); *Elegia ao novo mundo e outros poemas* (2012); *Um alaúde, A Península e teus olhos negros* (2017); *Canto aos homens de boa vontade* (2018); e *Eu e tu, caminheiros dessa vida* (2019). Embasamo-nos também, em pesquisadores como Paz (1982), Kristeva (1994), Bosi (2000), Durand (2001), Bhabha (2001), Maffesoli (2001), Adorno (2010), Penalva (2017), entre outros. Este trabalho apresenta análises utilizando a poesia como mediadora para compreender como a linguagem sensível do eu lírico, independentemente das demarcações culturais e/ou fronteiriças vem encontrando o seu caminho na Literatura mundial.

**Palavras-chave:** Lírica. Alteridade. Poesia. Narlan Matos.

**Abstract**

This research aims to analyze the categories of Lyrics and Otherness in the poems of Narlan Matos, a Brazilian contemporary poet that, although acknowledged by the international literary criticism, is still rising in the national territory. To make this study viable were studied poems of Matos, such as *Senhoras e senhores: o amanhecer!* (1997); *No acampamento das sombras* (2001); *Elegia ao novo mundo e outros poemas* (2012); *Um alaúde, A Península e teus olhos negros* (2017); *Canto aos homens de boa vontade* (2018); and *Eu e tu, caminheiros dessa vida* (2019). This research is grounded in Paz (1982), Kristeva (1994), Bosi (2000), Durand (2001), Bhabha (2001), Borges (2000), Maffesoli (2001), Cruz (2007), Adorno (2010) e Penalva (2017), among others. This research on Matos presents analysis that used the poetry as a medium to understand how the sensible language of the lyrical persona is finding space in the worldwide poetry, regardless of the territorial and cultural divisions.

**Keywords:** Lyrics. Otherness. Poetry. Narlan Matos.

---

<sup>1</sup> Texto parte da dissertação de mestrado intitulada *Poesia, Alteridade e Memória em Narlan Matos: Diálogos Interculturais*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, em março/2020.

<sup>2</sup> Mestre em Lírica e Sociedade da Unioeste. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: jocimartbertelli@gmail.com

## Introdução

A célebre afirmação do filósofo alemão Theodor W. Adorno<sup>3</sup>, escrita logo após o fim da segunda guerra mundial, em 1949, de que “escrever um poema após *Auschwitz* é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que se tornou impossível escrever poemas”<sup>4</sup> continua (re)produzindo ecos na contemporaneidade. Porém, agora, os homens no século XXI cometem ou são acometidos por novos tipos de incivildades, mas, ainda, pela busca de um mesmo ideário – poder – sobre pessoas ou bens materiais. Essa busca, nos parece, prosseguirá por várias gerações até que o homem, individualmente, em tempo próprio, descubra que a melhor conquista ainda é a interior (a que está dentro do ser), pois esse encontro possibilita momentos de paz, em meio ao caos da cotidianidade da modernidade que nos cerca.

A caminhada de autoconhecimento do homem<sup>5</sup> leva o ser ao encontro do outro, aceitando-o em suas angústias e realizações. Assim, a Filosofia e a Lírica podem ser consideradas antídotos para o encontro do sujeito com ele mesmo, uma vez que possibilita momentos de silêncio e reflexão, que se não são capazes de modificar as barbáries ocorridas em guerras violentas, como as da metade do século XX, podem, ao menos, proporcionar ao homem momentos de contemplação, qualidade de vida e paz de espírito. Acredita-se que a Literatura e/ou a Arte, de modo geral, podem atenuar o desejo de poder, substituindo-o por um desejo benevolente pelo outro, vendo-o, então, sob o olhar de sedução, que aproxima e não aprisiona, cria laços, que já “não prendem, não escravizam, não apertam, não sufocam. Porque quando vira nó, já deixou de ser um laço!” (ANJOS, 2010)<sup>6</sup>.

Utilizar-se da Literatura como instrumento de leitura para rememorar as

---

<sup>3</sup> Theodor Adorno (1903-1969), foi um filósofo, sociólogo e musicólogo alemão, um destacado representante da chamada “Teoria Crítica da Sociedade” desenvolvida no Instituto de Pesquisas Sociais (Escola de Frankfurt).

<sup>4</sup> Declaração feita, em 1949, no ensaio *Kulturkritik und Gesellschaft*, publicado pela primeira vez em uma obra coletiva em comemoração ao 75º aniversário de *Leopold von Wiese*, intitulada *Soziologische Forschungen in unsere Zeit*, Cologne-Opladen, 1951, p. 241.

<sup>5</sup> Definição mais famosa de Homem é “animal racional”. Essa definição expressa bem o ponto de vista do Iluminismo grego e o espírito das filosofias de Platão e Aristóteles (ABBAGNANO, 1998, p. 513).

<sup>6</sup> O Laço e o Abraço, de Maria Beatriz Marinho dos Anjos (2010). Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias/2431678>. Acesso em: 20 mar. 2019.

barbáries do passado pode ser considerado um dos melhores formatos de registro e propagação de fatos e histórias, para que as futuras gerações possam (re)significar o que o homem<sup>7</sup> possui condições de realizar, sozinho ou com outro semelhante, de modo a evitar a repetição de barbáries e a perversidade.

Assim, a necessidade de prosseguir escrevendo para recordar, mas, principalmente, para seduzir na Literatura, continua basilar, como modelo de arrebatamento e de aproximação, que leve ao encontro do outro, conduzindo o homem a momentos de introspecção, pois esses momentos, únicos e solitários, podem proporcionar um inesquecível crescimento pessoal, por meio da escrita.

O desejo de um despertar para uma nova vida proporciona ao ser a possibilidade de (re)escrever a sua história, que pode ser lida em forma de romance, crônica, contos ou poesia. O gênero escolhido segue a preferência do leitor, o mais importante é que essa escrita, ou melhor, essa voz, possa ser ouvida e (re)produza ecos.

Alfredo Bosi (2000) enfatiza que “a poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar”. Utilizar-se do poder da linguagem poética, para intensificar a realidade, que se apresenta ao homem, é uma marca dos escritores e poetas em seus anseios de levar o homem contemporâneo a encontrar novas formas para transformar a realidade do meio social, no qual está inserido e pelo qual vale a pena lutar, em busca de uma convivência harmônica.

Diante do exposto, buscamos, neste trabalho, apresentar a poesia de Narlan Matos, ressaltando as imagens poéticas que dão ênfase às vozes do cotidiano que cercam o homem e remetem a um lirismo nostálgico e a alteridade.

Orientam esta reflexão pesquisadores como Paz<sup>8</sup>(1982), Durand (2001), Bosi (2000). Bhabha (2001), Maffesoli (2001), Kristeva (1994) e Penalva (2017). A partir desse aporte teórico, realizamos a análise de alguns poemas publicados nas obras *Senhoras e senhores: o amanhecer!* (1997); *No acampamento das sombras* (2001); *Elegia ao novo mundo e outros poemas* (2012); *Um alaúde, A Península e teus olhos negros* (2017); *Canto aos homens de boa vontade* (2018) e *Eu e tu, caminheiros dessa vida* (2019) de Narlan Matos.

---

<sup>7</sup> Homem, como razão projetante, limitada e impedida, mas eficaz, pode ser considerado decorrente do conceito renascentista de homem (ABBAGNANO, 1998, p. 526).

<sup>8</sup> *El arco y la lira*, escrito em 1957, e traduzido por Olga Savary em 1982.

## Trajatória poética e social de Narlan Matos

Narlan Matos Teixeira<sup>9</sup> nasceu na Bahia, na pequena cidade de Itaquara, em 15 de julho de 1975. Tornou-se bacharel em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Participou, em 2002, do programa de redação internacional da Universidade de Iowa<sup>10</sup> como convidado do Departamento de Estado<sup>11</sup> que possibilitou o seu retorno aos Estados Unidos, em 2004, onde fez Mestrado em Belas Artes (M.F.A<sup>12</sup>) em Literatura Brasileira, na Universidade do Novo México (2006). Em 2011, toma posse na Academia de Letras de Jequié – ALJ, como Membro Correspondente<sup>13</sup>, indicação essa, feita pelo poeta, diretor musical, editor, artista plástico e compositor Waly Salomão (1943 - 2003)<sup>14</sup> depois de haver conhecido o artista gráfico, músico, compositor, poeta, tradutor e professor universitário Rogério Duarte (1939-2016)<sup>15</sup>, considerados os idealizadores do Movimento Cultural Brasileiro Tropicália (MCBT) que surgiu (1967) sob a influência das correntes artísticas da vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira. Esses encontros resultaram em estudos com destaque aos artistas que participaram do MCBT, considerados por Matos, como o lado *underground da Tropicália*. Assim, em 2012, Matos defendeu a sua Tese de Doutorado *Inventário do Caos: Rogério Duarte, Tropicália e Pós-Modernidade*<sup>16</sup> (*Dissertation Brazilian*

---

<sup>9</sup> Inicialmente o autor assinava como “Narlan Matos Teixeira”; porém na rede mundial de computadores (*web*), aparece em sua biografia, porém, nos últimos anos, o autor passa a nominar-se “Narlan Matos”.

<sup>10</sup> The University of Iowa. Disponível em: <https://iwp.uiowa.edu/> Acesso em: 10 fev. 2019.

<sup>11</sup> Bureau of Educational and Cultural Affairs. Disponível em: <https://eca.state.gov/ivlp/>. Acesso em: 10 fev. 2019.

<sup>12</sup> Bibliografia de Narlan Matos. Disponível em: <https://sites.google.com/site/narlan7matos/about>. Acesso em: 10 fev. 2019.

<sup>13</sup> Citado no blog de Júlio Lucas sobre Tema Espetacular Ltda. Disponível em: <http://miscelaneajuliolucas.blogspot.com/2011/06/narlan-matos-toma-posse-na-academia-de.html>. Acesso em: 10 fev. 2019; Citado também em *Breaking News*. Disponível em: <http://amopersonalizados.blogspot.com/2011/06/narlan-matos-toma-posse-como-membro.html>. Acesso em 10 fev. 2019.

<sup>14</sup> Poeta, produtor cultural, diretor artístico e letrista de música popular brasileira. Waly é representante do tropicalismo, movimento artístico criado no fim da década de 1960 (ABL, 2019).

<sup>15</sup> Artista gráfico, músico, compositor, poeta e tradutor. Na década de 1990, foi professor de Expressão em Superfícies no Departamento de Artes Visuais (VIS) da Universidade de Brasília. Artista de estética refinada, participou intensamente na vanguarda da cultura nacional (ABL, 2019).

<sup>16</sup> Tese Doutorado de Matos na *University of Illinois at Urbana-Champaign*, 2012. Disponível em: [https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/34519/Teixeira\\_Narlan.pdf?sequence=1&isAllowed](https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/34519/Teixeira_Narlan.pdf?sequence=1&isAllowed)

*Literary and Cultural Studies*), realizada na *University of Illinois at Urbana-Champaign*, nos Estados Unidos da América (EUA).

A trajetória poética de Narlan Matos inicia-se em 1997<sup>17</sup>, com a publicação do seu primeiro livro de poesia, *Senhoras e senhores: o amanhecer!*, com o qual ganhou o Prêmio Fundação Casa de Jorge Amado e o Prêmio Copene de Literatura e Arte.

Em 2000, Matos, lançou seu segundo livro de poesia, *No Acampamento das Sombras*, o qual foi editado no Brasil apenas em 2001, pelo Grupo Editorial Cone Sul. No prefácio, nota-se a preocupação do escritor com a existência humana. O poeta volta o seu olhar para o passado, em busca de relatos dos membros da sua ancestralidade.

O terceiro livro de Matos, *Elegia ao mundo novo e outros poemas (7Letras)*, escrito em 2012, apresenta como as descobertas do novo mundo são compreendidas pelo eu lírico que começa a ser destaque na Europa. A Obra foi nomeada para o Prêmio Portugal-Telecom Internacional.

Em 2017, escreveu o quarto livro, *Um alaúde, a península e teus olhos negros* (Penalux). A obra, apresentada com cores fortes, vibrantes, e o mapa da Península Ibérica, possibilita pistas para o leitor sobre o tema principal da obra – as guerras, os reinos, os estrangeiros – envolto sob um olhar profundo, a poesia vai integrando-se ao mundo. Nessa obra, Matos entrega-nos poemas que parecem ser guiados por uma bússola, pois cada encontro nos levará a outros portos e juntos descobriremos a emoção da viagem, numa linguagem poética composta de multiplicidades existenciais.

Em 2018, Matos lançou o quinto livro, *Canto aos homens de boa vontade* (Penalux); o livro apresenta-nos, na imagem da capa, uma demonstração da afetividade que o cerca naquele momento, o nascimento do primeiro filho, Yannik. Matos fez questão de imprimir no livro o laço que o une ao seu primogênito, registrado na imagem de capa com a fotografia da mão do poeta junto com a mão do seu filho. Os poemas são guiados por essa emoção – tornar-se pai – e o poeta encontra meios para compartilhá-la com os seus leitores.

E, finalmente, em 2019, o sexto livro, também pela Editora Penalux, a obra *Eu e tu, caminheiros dessa vida*. O destaque da obra é a palavra “vida” e pode-se reconhecer (imagens difusas, sombreadas) na capa com a representação da imagem sombreada de pessoas caminhando, as quais identificamos como sendo os anejos dessa vida que o eu

---

d=y. Acesso em: 10 fev. 2019.

<sup>17</sup>. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/02/narlan-matos.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

lírico encontra em seu caminho e que irá apresentar-nos em seus novos versos.

Matos, nesse momento, com seis livros de poemas publicados, prossegue as viagens pelo mundo e continua promovendo novos encontros, novos amigos e novos poemas, os quais o leitor tem a oportunidade de conhecer, acompanhar a narrativa e identificar-se, seguindo o destino do poeta - escrever.

Em razão da difusão do trabalho de Matos em diversos países, sua poesia foi traduzida para vários idiomas, com destaque para: inglês, esloveno, croata, chinês, vietnamês, lituano, sueco, japonês, inglês, espanhol, italiano e hindu.

Atualmente, Matos leciona na George Washington University, em Washington, DC, onde vive com a esposa, a pesquisadora Krista Anderson Teixeira e o filho Yannik.

### **Eu Sou no Outro – Reconhecer-se**

Para falar com o outro – o ser que está fora de nós; podemos nos debruçar em diários ou escrever cotidianamente em blogs para o ser que vive dentro – a sombra que nos acompanha e que queremos conhecer. O reflexo que temos diante do espelho nem sempre se enquadra com as imagens que vemos e projetamos, e na qual procuramos respostas para encaixar a realidade com os sonhos que nos amedrontam. Matos compreende essa angústia humana e, delicadamente, se aproxima de nós, seus leitores, quando também nos apresenta as suas próprias inquietações e recita: “- e por que meu sonho te assusta tanto? / - porque é o sonho que acorda os homens” (MATOS, 2018, p. 51).

A poesia *matosiana* é cercada por uma linguagem sensível, impregnada de força e emoção, mas também é capaz de propiciar ao leitor reflexões sobre o ser e o mundo que o cerca. A inquietude do ser conduz o leitor a buscar uma leitura que propicie encontrar-se. Paz (1982, p. 28) acomoda essa inquietação, de um encontro interno, já que “cada leitor procura algo no poema. E não é insólito que o encontre [porque]: já o trazia dentro de si”. Matos, do mesmo modo, anseia por esse encontro interno, assim, narra suas viagens pelo mundo e seus encontros com pessoas de diversas etnias com a intenção de mostrar-nos os sinais das pegadas dos caminhos por onde andou. O autor faz isso para que o leitor consiga se localizar e se descobrir nas vozes literárias que compõem a linguagem poética de tal modo que, ao ser lida e reconhecida, a poesia de Matos abra novas portas, e permita uma identificação com o poeta.

Encontramos no prefácio de seu segundo livro, *No Acampamento das Sombras* (2001), a procura de Matos por uma linguagem capaz de auxiliá-lo a decifrar-se, de modo a apresentar-se para o seu público como um homem-escritor-poeta, que, se outrora vivia nas sombras, agora caminha em direção ao encontro do público leitor, ao qual ele se apresenta:

Eu sou mais ou menos uma coleção de 50 pessoas disposta em quatro gerações. Não tenho forma nem matéria. Não sou dono de mim porque nem mesmo tive a oportunidade de me encontrar no decorrer de toda minha vida. Eu sou pessoas que já morreram há mais de 100 anos, pessoas que nem mesmo conheci, mas que estão em mim como minhas veias, estranhamente. Essas são minhas sombras. As sombras sob as quais vivo. E de minhas lutas intermináveis em busca de mim mesmo, vou encontrando essas pistas em forma de poemas. [...] Esse sou eu, meu ilustre desconhecido, e desde já lhe peço desculpas se não sou claro (MATOS, 2001, prefácio).

Observa-se, nessa exposição, a preocupação do poeta em mostrar-se de forma a criar uma imagem, para tornar-se íntimo do(s) outro(s). Essa alegoria, a qual o poeta se define, não pode ser vista como a construção de um mosaico, pois nessa arte decorativa, as peças que a compõe (apesar de coloridas) estão coladas (fixas) numa parede, enquanto que, a poesia de Matos, está em constante movimento. Assim, nesse jogo, chamado vida, o escritor procura se apresentar, talvez utilizando a imagem de um *puzzle*, já que, nesse jogo de raciocínio lógico, as peças são compostas de cores, sombras e luzes, marcadas pelas múltiplas experiências de vida.

É interessante observar que críticos, professores e escritores, conhecedores da linguagem poética, ressaltam a maestria da composição de Matos, e o formato que ele criou para comunicar-se com o leitor sobre as angústias e as preocupações que envolvem o homem globalizado, mas como um sujeito engajado.

Espero, nesse sentido, que nesta joia especial da poesia brasileira contemporânea, seus leitores – e os novos – venham a reconhecer a linguagem dos poetas maiores, a exemplo do bom e velho Goethe. E que esse livro consiga inspirá-los (ou lhes surpreender, mas acima de tudo, que desperte seus espíritos), como a melhor poesia produzida no Brasil (WINK, orelha da obra *Canto aos homens de boa vontade*, 2018).

A comparação de Narlan Matos com escritor alemão Johann Wolfgang Goethe<sup>18</sup> (1749-1832), feita pelo professor Wink (2018), no livro *Canto aos homens de boa vontade* demonstra a singularidade das obras de Matos, fala essa que foi amplamente divulgada na Europa, dando ao autor o destaque merecido do seu trabalho no exterior.

Para compreender a relação social com a poesia, ou seja, deixar de ser individual para se tornar universal, recorremos a Adorno (1975) que aborda essa questão, ao citar como a forma estética se revela, dizendo-nos que:

Isto é de se esperar, porém, constitui conclusão da mais simples reflexão, pois o conteúdo de uma poesia não é somente a expressão de motivações e experiências individuais. Estas porém se tornam artísticas apenas quando, precisamente em virtude da especificação de sua forma estética, adquirem participação no universal [...] Esta universalidade do conteúdo lírico, entretanto, é essencialmente social (ADORNO, 1975, p.201-202).

O olhar sensível do poeta revela-nos a face humana, mostra-nos a existência de um ser capaz de causar guerras, como citamos inicialmente neste trabalho, mas, também, desvela um ser com habilidades para registrar um tratado de paz, ou ainda, apto para escrever poemas que causam reflexões e acalentam o espírito utilizando-se do poder da linguagem, para perpetuar-se na relação com o(s) outro(s), esse é o destaque *matosiano*.

### **Diálogos poéticos e a alteridade**

Os caminhos poéticos de Matos levam-nos a explorar fronteiras, que possam ser atravessadas, para ir ao encontro do(s) outro(s). Segundo Abbagnano (1998), Alteridade é “ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro”. Desse modo, “é um conceito mais restrito do que diversidade e mais extenso do que diferença” (ABBAGNANO, 1998, p. 34). E é sobre esses diálogos fronteiriços que iremos refletir neste momento.

Reconhecer as vozes literárias que compõem a linguagem poética de Matos, destacar o Estrangeiro, ora caracterizado pelo autor e ora pelo eu lírico, em forma de versos, são os objetivos destas análises. Considerar as poesias e, o formato na qual são apresentadas, de modo a serem lidas, e que possam, se possível, deixar marcas no(s) outro(s), o ser que tem a oportunidade de conhecer a obra de Matos.

---

<sup>18</sup> Johann W. Goethe, filósofo, cientista e escritor alemão. Fez parte, junto com Schiller, Wieland e Herder, do "Classicismo de Weimar" (1786-1805), período do apogeu literário na Alemanha.



Para nos amparar na busca de compreender o sujeito imigrante, escolhemos Bhabha (2001) que cita, no início do capítulo do livro *O Local da Cultura*, que a escolha do título: *DissemiNação* ocorreu em razão da sua própria experiência de migração.

Vivi aquele momento de dispersão de povos que, em outros tempos e em outros lugares, nas nações de outros, transforma-se num tempo de reunião. Reuniões de exilados, *émigrés* e refugiados, reunindo-se às margens de culturas “estrangeiras”, reunindo-se nas fronteiras; reuniões nos guetos ou cafés de centros de cidade; reunião na meia-vida, meia-luz de línguas estrangeiras, ou na estranha fluência da língua do outro; reunindo os signos de aprovação e aceitação, títulos, discursos, disciplinas; reunindo as memórias do subdesenvolvimento, de outros mundos vividos retroativamente; reunindo o passado num ritual de revivência; reunindo o presente (BHABHA,2001, p. 198).

Matos, talvez por ter também a vivência do imigrante, apresenta-nos, em seus versos, histórias de um tempo vivido em outras nações, que faz questão de contar em saraus literários à meia-luz, pois uma sala, com pouca luminosidade, assegura aos espectadores a imagem de um ambiente aconchegante, propício para se ouvir músicas e recitações poéticas, como poderia ocorrer ao leitor ouvindo-se o poema que segue:

#### **a chama**

a noite é fria meu amigo  
os mapas morreram amputaram o silêncio  
senta aqui ao meu lado ouve o que te digo  
me conta tua vida me diz teu indizível  
compartilhemos nossas cicatrizes e alegrias  
juntos construamos uma quimera um abrigo  
(MATOS, 2018, p. 21).

Desta maneira, quando Matos declama seus poemas num local estrangeiro, compreende-se que as vozes literárias, independentemente da língua falada do país no qual a sua poesia intenta chegar, soam como uma nova *RessigNação* (ressignificando Bhabha) e são capazes de transportar os espectadores no tempo, convida-os a sentar-se e, ao fazer confidências, leva-os do local aonde estão, para qualquer país que a sua narrativa poética alcance, mas especialmente para os recônditos de sua terra natal (Brasil).

Paz (1982, p. 28) enfatiza que “o poema é algo que está além da linguagem”.

Matos compreende a importância do seu ofício, ser artesão, esculpir versos, numa linguagem que consiga representar as imagens de seus caminhos, armazenadas em sua memória, de forma a transformá-las em novos poemas, permeadas de histórias, capazes de exaltar a cidade da sua ancestralidade, a pequena Itaquara (BA), que acolheu a sua família originária no Brasil, a qual ele não se cansa de homenagear em seus versos.

O artigo de Janet M. Paterson, *O sujeito em movimento: pós-moderno, migrante e transnacional*, analisa a existência complexa da construção identitária na literatura contemporânea, e as profundas transformações as quais o sujeito está destinado a ultrapassar. Nessa travessia, o sujeito cria-se, reconstrói-se, desconstrói-se, de acordo com necessidades as quais ele se traveste, ora como exilado, ora mítico e, ora ainda, como autobiográfico, vivendo diversas metamorfoses até que essas possibilitem, finalmente, transformar-se, de lagarta para borboleta – de estrangeiro para cidadão – permitindo-o sentir-se integrado ao novo local escolhido para viver, compreendendo as mudanças socioculturais, para que possa alcançar novos voos, e conduza o sujeito ao encontro de si mesmo e do(s) outro(s) com sucesso (PATERSON, 2015, p. 179).

No intento de demonstrar como ocorre o encontro do eu lírico com o(s) outro(s), Matos apresenta-nos o diálogo com uma cigana espanhola (ou seria consigo?), vejamos o poema que segue:

#### **conversa com uma cigana andaluz<sup>19</sup>**

- dize-me, quem és tu?  
- eu sou o sol que faz a sombra  
eu leio coisas e seus debuxos  
eu estou cheia do que o verão  
breve há deixado nas oliveiras  
sou uma casa solitária à beira  
de uma estrada branca e deserta

- e o que são teus olhos?  
- meus olhos são dois faróis negros  
cheios de nostalgia e ondas verdes  
às vezes tácitos às vezes ausentes  
mirando a viagem e o caminho  
por onde passam longas caravanas  
tenho olhos porque não gostaria  
de ver ninguém nem a nada  
[...]

---

<sup>19</sup> Reconhecemos que o encontro, com uma cigana, nos remete as tradições ibéricas. Porém, o título ressalta que ela é uma cigana “andaluz”, ou seja, possivelmente, um ser que “anda na luz”, e não pertencente há um lugar específico, como por exemplo, Andaluzia na Espanha.

- dize-me de tua alma, zíngara,  
onde está tua alma agora?  
[...]  
estou por toda parte e em lugar nenhum  
eu pertença ao nenhum lugar  
sou sempre estrangeira até de mim mesma  
[...]  
- eu, quem sou eu?  
- tu és o que me tem e não me pode ter  
teu maior tesouro é minha ausência inclemente  
tu és o meu poeta e teu sentido é feito de loucura  
em teu colo me deito ornada de amor e sonhos  
estamos unidos por tudo que nos separa  
e quando eu apagar as estrelas andaluzes para nós dois  
nunca mais se acenderão de novo.  
(MATOS, 2017, p. 36-38)

Matos inicia os primeiros versos com a pergunta que uma pessoa costuma fazer para outra quando deseja conhecê-la melhor: “dize-me, quem és tu?”. O poema prossegue em formato de diálogo e apresenta novos questionamentos. Porém, as respostas podem levar à inferência que, provavelmente, é o próprio eu lírico que nos apresenta os seus sentimentos: “sou uma casa solitária” responde ele. Assim, no segundo verso, podemos iniciar a construção de um novo diálogo, no qual o eu lírico relata que é ele que está em movimento, e segue em frente, “mirando a viagem e o caminho” indo “em busca de lares e solidão”.

Inicialmente, em uma primeira leitura, podemos ter a impressão de que o eu lírico está interessado em conhecer uma nova pessoa que encontrou pelo caminho em suas andanças pelo mundo, nesse caso, uma cigana espanhola. Porém, em uma segunda análise, localizamos novas imagens proporcionadas por esse encontro, as quais nos permitem perceber que é o eu lírico que traz (faz) momentos de reflexão, de si e também do caminho que está percorrendo, no qual constata ser ele “uma casa solitária” e, vazio, prossegue a sua viagem pessoal.

A mais famosa definição de Pascal sobre o Homem relata que ele “nada mais é que um junco, o mais frágil da natureza, mas é um junco pensante” (PENSÉES, 347 *apud* ABBAGNANO, 1998, p. 525). Conhecer-se leva o eu lírico a expor-se, ele tem consciência da sua fragilidade, entretanto, no caminho, percebe que é preciso se descobrir, aproveitar a jornada, para então prosseguir a viagem, sabendo que a solidão possibilita-nos ir ao encontro de si e também do(s) outro(s), o estrangeiro que habita dentro de cada sujeito, o qual o poeta deseja resgatar e, se possível, levá-lo de volta para

casa.

A conversa com a cigana pode ser reconhecida como uma construção de identidade/alteridade, conforme o surgimento de novas imagens são constituídas pelos caminantes. Deixar a terra natal, conhecer outros mares, portos e novos olhares propicia-nos o conhecimento. Para fundamentar essas reflexões, pode-se recorrer ao pensamento de Bhabba (2013, p. 88), que afirma que “o sujeito não pode ser apreendido sem a ausência ou a invisibilidade que o constitui”. A necessidade de imigrar, em busca de melhores condições de vida ou em razão de conflitos socioeconômicos são alguns dos motivos que levam o sujeito a deixar o seu país, e esse, quando se encontra na nova terra, a primeira face a qual descobre é a da invisibilidade. O anonimato, caminhar pelas ruas sem ser visto, desperta no ser, um novo sentimento que passa a fazer parte de si, a dor. E, quando esse sentimento de tristeza se aloja, o sujeito descobre que para manter-se vivo precisa encontrar outra identidade, que se adapte ao meio social, e assim inicia a busca do sujeito por uma nova construção identitária/alteridade.

[...]

Sentado  
Solitário  
Numa estação  
Há um coração  
À espera de um trem  
À espera do que não sabe  
Mas que nunca vem.

Na multidão de pernas  
Duas vão apenas.  
Na rua deserta ouvem-se passos  
- Calma, não é ninguém.  
Mesmo que eu existisse de se pegar, ninguém me diria como vai.

[...]

Naquela rua passam o tempo, o minuano, as estações,  
O mundo inteiro passa.  
Só eu não passo de mim,  
Desse vento frio que me corta o coração.  
(MATOS, 1997, p. 73-74).

O poema “Rua da Soledade” que acabamos de ler, traz no título, indicações de sobre o tema que será abordado: solidão, isolamento, sentimentos esses que circundam a vida do estrangeiro. Com o passar do tempo o imigrante compreende que está só, num lugar repleto de pessoas, que estão sempre apressadas, e assim, passam pela vida,

seguindo o ciclo das estações, do tempo.

Retomamos ainda a nossa “conversa com uma cigana andaluz”, pois o poeta deixou-nos repletos de indagações, que se intensificam, afinal: é um diálogo pessoal com a cigana?; ou seria com a sua alma?; ou é com o leitor (conosco)? Por isso essas análises são importantes e, se complementam. A pergunta, na quinta estrofe do poema, é muito forte, reflete uma das maiores angústias do pensamento humano, o eu lírico pergunta: “- dize-me de tua alma, *zíngara* [...] onde está tua alma agora?”. Esse verso possibilita uma releitura, carregada de vários olhares, filosóficos ou críticos, porém, nos parece que seja inegável observar que esse questionamento povoa a existência humana. E, se o sujeito, ansiava por uma resposta compreensiva, que acalentasse o espírito, não se pode dizer que esse foi o sentimento encontrado pela voz do poeta: “estou por toda parte e em lugar nenhum [...] eu pertença ao nenhum lugar [...] sou sempre estrangeira até de mim mesma”.

A angústia motivada pelo processo de busca identitária (subjetiva), conhecer-se para encontrar-se, escondida nos recônditos de nossa identidade, toma corpo e se apresenta como a “estrangeira” que vive em “mim mesma”. Kristeva (1994) apresenta uma definição que nos parece ser capaz de complementar o diálogo mantido entre o eu lírico e o outro – o estrangeiro que vive dentro de si.

Estrangeiro: raiva estrangulada no fundo de minha garganta, anjo negro turvando a transparência, traço opaco, insondável. Símbolo do ódio e do outro, o estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da cidade. Nem a revelação a caminho, nem o adversário imediato a ser eliminado para pacificar o grupo. Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamo-nos de ter que detestá-lo em si mesmo (KRISTEVA, 1994, p. 09).

Conceituar o estrangeiro nos possibilita localizar a figura do ser sob o olhar da alteridade: o Eu ser o Outro(s), pois quando o reconhecemos, o aceitamos.

Lorena Penalva (2017), em seu artigo sobre *A figura do imigrante na literatura brasileira contemporânea*, apresenta-nos suas considerações, sobre as formas identitárias na contemporaneidade.

É necessário, portanto, posicionar-se diante de duas questões: reconhecer a existência de um sujeito composto por múltiplas identidades, entre as quais a fornecida pela existência em lugar próprio, pensando nas consequências de sua perda; e, em outra direção, questionar a existência desse ser e desse lugar, analisando os desdobramentos de um deslocamento/exílio fundamental dado pelo discurso. A primeira reflexão sugere a existência de uma nação, de um grupo de pertencimento; a segunda, defende uma negatividade, que observa no corpo ou na linguagem as marcas de uma ruptura intransponível (PENALVA, 2017, p. 372).

A partir das reflexões de Kristeva (1994) e Penalva (2017), ao revisitarmos os versos de Matos, constatamos que a sua linguagem poética se distingue, e pode levar o leitor a identificar-se com o(s) outro(s), despertar emoções e lembranças de lugares e momentos especiais. Por meio da leitura dos versos do poeta, reconhecemos uma linguagem sensível e acessível ao estrangeiro, dando-lhe a oportunidade de conhecer um novo caminho, que talvez possa conduzir o leitor ao encontro de si, levando-o a reconhecer-se em meio à multidão que o cerca, como um ser único; admitindo o poder da literatura em desvelar o ser.

### **Considerações finais**

Apresentar algumas poesias das obras Narlan Matos ressaltando as categorias Lírica e Alteridade presentes em seus poemas foi o objetivo deste trabalho. Observar como o poeta escreve e se descreve, com originalidade, buscando uma forma para tornar a sua poesia conhecida e apreciada em diversos países do mundo, ávido pela aproximação com o(s) outro(s), o leitor.

Ter a oportunidade de analisar a poesia de Matos, aproximar as palavras contextualizadas, ressignificar de acordo com as diferentes épocas, levando-se em conta, principalmente, os sentidos metafóricos dessa composição, que só o homem do seu tempo pode compreender, significa utilizar-se da palavra, pois, ela “é uma ponte através da qual o homem tenta superar a distância que o separa da realidade exterior. Mas essa distância faz parte da natureza humana” (PAZ, 1982, p. 43).

Este trabalho sobre Narlan Matos buscou apresentar algumas reflexões, utilizando a poesia como mediadora para compreender como a linguagem sensível do eu lírico, independentemente das demarcações culturais e/ou fronteiriças vem encontrando o seu caminho na literatura mundial. Destacamos alguns poemas, de muitos que

merecem a nossa atenção, levando-se em conta, apenas àqueles que escolhemos para caracterizar como a alteridade perpassa a poesia de Matos e cria ecos no leitor, que ora escuta-o de fora (como um estrangeiro) e, ora sente-se inserido na obra (como um escritor) em busca de si.

## Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ADORNO, Theodor W. Conferência Sobre Lírica e Sociedade. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

ALMEIDA, A. V. **Um rasgo na pele suave do mundo**, em Narlan Matos. Disponível em: <https://entrementes.com.br/2017/10/um-rasgo-na-pele-suave-do-mundo-em-narlan-matos/>. Acesso em: 10 fev 2019.

ANJOS, M. B. M. **O Laço e o Abraço**, Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias/2431678>. Acesso em: 10 mar. 2019.

ANDRADE, C. D. In: **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. Lima Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001/2003.

BOSI, A. **O ser e o Tempo**. São Paulo: Ática, 1974.

BOSI, A. **Leitura de poesia**. São Paulo: Ática, 2000.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FENSKE, E. K. (Org). Narlan Matos: o poeta sertão-mundo. In: **Templo Cultural Delfos**. Fevereiro/2016. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/02/narlan-matos.html>. Acesso em: 10 maio 2018.

GINZBURG, J. Theodor Adorno e a poesia em tempos sombrios. In: **Alea**. v. 5. n. 1. Rio de Janeiro, jan/jun, 2003, 61-69.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad.: Laurent L. Schaffter. São Paulo:

Edição Vértice, 1990.

HILL, T. **Estudos de teoria e crítica literária**. Rio de Janeiro, 1983.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MATOS, N. **Senhoras e senhores: o amanhecer!** Coleção Casa de Palavras. Salvador BA: Fundação Casa de Jorge Amado, 1997.

MATOS, N. **No acampamento das sombras**. São Paulo: Cone Sul, 2001.

MATOS, N. **Elegia ao novo mundo e outros poemas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MATOS, N. **Um alaúde, a península e teus olhos negros**. Guaratinguetá: Penalux, 2017.

MATOS, N. **Canto aos homens de boa vontade**. Guaratinguetá: Penalux, 2018.

MATOS, N. **Eu e tu, caminheiros dessa vida**. Guaratinguetá: Penalux, 2019.

PENALVA, L. **A Figura do imigrante na literatura brasileira contemporânea**. Disponível em: <http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VIIISAPPIL-Lit/article/view/829>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PATERSON, J. M. **O sujeito em movimento: pós-moderno, migrante e transnacional**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2015.2.21339>. Acesso em: 10 jul. 2019.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.